



Relação entre leituras e ensino do léxico: uma abordagem de ensino interativo - textual

Maria de Fátima Alves

UFPB

Introdução

O presente trabalho é uma síntese do meu projeto de dissertação de mestrado que trata da questão do ensino do léxico relacionado ao processo de leitura.

O fato de a maioria dos alunos não gostarem de ler e, por conseguinte, apresentarem um baixo nível de desempenho lingüístico no tocante às atividades de leitura e compreensão de textos, bem como um universo vocabular reduzido, constitui grande preocupação para os profissionais da área de língua portuguesa comprometidos com o processo ensino-aprendizagem.

Essa problemática quanto ao desempenho lingüístico dos alunos não é privilégio dos nossos dias, pois conforme diz Barbosa (1984:93), já se encontra documentada ao longo da história do nosso país. Segundo a autora, esse problema tem sido tratado, via de regra, de maneira superficial e preconceituosa, impondo-se uma reflexão que leva em conta o contexto sócio-cultural em que vive; o discurso pedagógico a que é submetido, como também a influência de outros sistemas de comunicação que ele manipula ou que o manipulam continuamente.

Pressupomos que entre esses fatores, que interferem no desenvolvimento do potencial lingüístico dos alunos, destacam-se as práticas ineficientes de ensino de leitura e vocabulário realizadas no contexto escolar. Práticas essas que, segundo resultados de pesquisas recentes, em quase nada contribuem para a ampliação do léxico dos alunos, visto que privilegiam o estudo de palavras isoladas e suas definições como se elas tivessem sentido absoluto, independente do contexto no qual se encontram inseridas.

Sabemos todavia, que o sentido das palavras se constrói a partir de

suas relações com outras palavras nos enunciados ou nos textos em que elas aparecem. Como diz Kleiman (1993), o significado de uma palavra é adquirido gradualmente à medida que novos encontros em novos contextos acontecem.

Sendo assim, reduzir a palavra a uma unidade fechada em si própria não faz sentido. Porém, é o que mais se observa nos exercícios de vocabulário propostos pelos livros didáticos e postos em prática pelos professores das escolas de 1^o e 2^o graus. Daí Caçada (1991), afirmar que é preciso ressaltar o dinamismo do léxico e suas possibilidades de uso numa associação do teórico ao pragmático.

Portanto, se torna evidente a necessidade de se ensinar o léxico mediante a atividade de leitura, isto é, centrado no texto e não em palavras ou frases isoladas. O texto, conforme reconhecem seus estudiosos, é indubitavelmente o instrumento mais eficaz para se ensinar as questões lingüísticas, visto que ele consegue reunir uma multiplicidade de aspectos estruturais, cognitivos e sócio-culturais da língua e também porque é por meio dele que se realiza a competência lingüística do aluno.

Levando em consideração todos esses aspectos e empenhados na busca de alternativas para a minimização do problema em pauta, favorecendo assim, a ampliação do potencial léxico do aluno bem como o gosto dele pela leitura, é que nos propomos realizar este trabalho, o qual em virtude da amplitude e complexidade do tema em estudo torna-se, para nós um verdadeiro desafio. No entanto, com empenho e dedicação acreditamos que podemos oferecer algumas contribuições no sentido levar os professores de língua portuguesa a refletirem mais um pouco a respeito de suas práticas pedagógicas no tocante ao ensino de leitura e vocabulário.

Para tanto baseamo-nos em teorias da Lingüística Textual, mais especificamente nos modelos teórico - metodológicos de ensino de leitura e léxico apresentados por Kleiman (1992, 1995, 1996). Também recorreremos aos trabalhos de Barbosa (1984), Turazza (1992), Caçada (1991, 1994), Ilari (1995), Terzi (1995) e Coracini (1995), entre outros.

I. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

I.1. Considerações Preliminares

A partir da década de 60 com o advento da Lingüística Textual, o objeto de estudo da linguagem se desloca da palavra e da frase isoladas para o texto. Essa mudança de ordem epistemológica, no âmbito dos estudos da linguagem, segundo Turazza (1992), resultou em novos postulados teórico-metodológicos que servem de subsídio para o discurso científico de hoje e que estão a exigir mudanças no campo do discurso pedagógico que sustenta o ensino da língua materna no Brasil.

Em se tratando especificamente da questão do ensino da leitura e do léxico que assumem uma relevância particular no ensino da língua portuguesa, faz-se necessário buscar alternativas que não os dissociem. Alternativas que, como enfatiza Turazza (op. cit.) ,não separem as estratégias de ensino aprendizagem do texto, visando a aquisição e/ ou enriquecimento vocabular dos alunos. Assim:

O significado textual das palavras não equivale a predicções vocabulares do dicionário. No texto o que pode ser um sinônimo, torna-se um antônimo e vice - versa. Não se ensina palavras, ensina-se a ler e a conhecer o mundo.(Turazza, 1992: 663).

O ensino do vocabulário e da leitura, muito embora apresentem características particulares, se intercomplementam necessariamente. A leitura é inegavelmente um poderoso instrumento de ampliação dos conhecimentos e do léxico do indivíduo - falante/ouvinte, escritor/leitor - e um vocabulário diversificado é de extrema relevância, não apenas para o processo de compreensão textual, mas também para que o aluno consiga compreender a língua com maior clareza.

Entretanto, essa relação intrínseca entre leitura e vocabulário tão importante para o ensino da língua portuguesa, bem como para a o processo de ampliação das experiências vocabulares do aluno, nem sempre é levada em consideração pelos profissionais de linguagem na escola.

Daí a preocupação de diversos pesquisadores da área de lexicologia em buscar alternativas que possam auxiliar o professor no sentido de desenvolver a competência textual do aluno. Preocupação que também nos atinge e esta é uma das razões porque pretendemos realizar este estudo.

Tendo em vista a importância de se trabalhar o léxico a partir de textos/leitura e conscientes da necessidade de uma base teórica para o alcance de nossos objetivos, faremos agora um rápido levantamento de pontos teóricos acerca da atividade de leitura e do ensino do léxico.

1.2. A leitura na escola

As afinidades entre leitura e escola se mostram a partir das circunstâncias de que é por intermédio da ação da primeira que o indivíduo se habilita à segunda (Zilberman, 1993). Esta relação ou vínculo íntimo e umbilical, conforme denomina a autora, não ocorre de forma mecânica como se a escola fosse a causa e a leitura, a consequência. Por se tratarem de fenômenos afins, Zilberman (op. cit) diz que *“elas mesclam-se de tal forma que se torna praticamente impossível e até estéril dissociá-los, ou seja, tentar discernir suas fronteiras”* (p.10). Por esta razão é que a crise da leitura tem sido interpretada também como uma crise da escola.

Em se tratando especificamente da crise do ensino de leitura, acreditamos que ela decorre, entre outros fatores, da precária formação de grande parte dos profissionais de língua portuguesa e das concepções ineficientes de leitura e texto que subjazem as práticas realizadas em sala de aula.

A leitura, entendida na maioria das como um mero processo de decodificação como se a pronúncia correta da palavras fosse a principal responsável pelo processo de compreensão textual e o texto, por sua vez, visto como um mosaico de palavras conhecidas e desconhecidas que no ato da leitura se agregam a fim de recuperar o sentido, são atividades que na verdade em quase nada contribuem para ampliar a visão de mundo e o léxico do aluno.

O mero passar de olhos pelas linhas não é leitura, pois conforme reconhece Kleiman (1992: 27), *“...leitura implica uma atividade de procura pelo leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos daqueles que são relevantes à compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar.”* De modo mais preciso, Kleiman (1993:49) define leitura como sendo um ato individual de construção de significados num contexto que se configura mediante a interação entre autor/ leitor.

Para Lajolo (1993: 59):

“ler não é decifrar como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo à todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.”

Levando em consideração os posicionamentos das autoras acima citadas sobre a leitura, podemos verificar que há inúmeras reflexões que norteiam as visões do que vem a ser leitura. No entanto, essas visões, ficam apenas no plano do discurso científico e não no do discurso pedagógico. Melhor dizendo, há um grande distanciamento entre as concepções e modelos teórico-metodológicos de leitura apresentados pelos estudiosos/pesquisadores da área (cujos trabalhos muito avançaram nas últimas décadas) e as práticas de leitura da maioria dos professores em sala de aula.

A concepção de leitura na escola não deve continuar restrita ao processo de decodificar símbolos gráficos da escrita em sons sem considerar o sentido do que está sendo lido. Como diz Terzi (1995), precisa-se de uma concepção de leitura que não seja vista como um processo governado por regras mas como um processo estratégico de atribuição de sentido ao texto.

A partir dessa rápida reflexão acerca da leitura na escola, podemos dizer que está faltando, por parte dos profissionais da linguagem, um maior aprofundamento em relação às recentes teorias lingüísticas acerca da pedagogia da leitura, a fim de que possam realizar, um trabalho mais produtivo em sala de aula levando o aluno a se tornar um leitor proficiente, isto é, um leitor que leia, compreenda e seja capaz de se posicionar criticamente diante do que lê.

1.3. O ensino do léxico

O ensino do léxico, que sem dúvida, assume um papel relevante no ensino da língua portuguesa, ao ser tratado de forma desconectada do texto perde a sua função primordial, que é a de desenvolver o potencial lingüístico do aluno, a sua competência lexical, entendida aqui como a

capacidade que o aluno tem de compreender as palavras, sua estrutura e suas relações de sentido com outros itens lexicais constitutivos da língua. Os professores, na maioria das vezes, sem objetivos e propósitos claros para o ensino do léxico/ vocabulário, tarefa um tanto complexa, seguem fielmente as propostas de ensino de vocabulário dos manuais didáticos sem terem consciência das sérias deficiências apresentadas por elas no que diz respeito ao desenvolvimento do léxico do aluno e da sua capacidade de análise crítica.

Os exercícios de vocabulário, e sobretudo o glossário, propostos por diversos livros didáticos trazem, segundo Terzi, problemas para a aprendizagem do aluno, pois, além de apresentarem questões vagas, não levam o aluno a inferir o significado das palavras por ele desconhecidas. Ao ser dado o significado pronto das palavras desconhecidas ao aluno, rouba-se dele a oportunidade de pensar e aprender.

O livro didático através da apresentação de sinônimos fora do contexto em palavras ou frases isoladas leva o aluno à crença de que para cada palavra há um sinônimo correspondente impedindo que ele perceba que o significado da palavra depende de quem a usa, quando a usa, onde e para quê. (Terzi)

Para Kleiman (1996:194) os exercícios de vocabulário presentes nos livros didáticos não passam de meros enfeites, limitando-se a um mecânico trabalho com sinônimos e antônimos, onde a palavra é trabalhada isoladamente como se fosse portadora de significado absoluto e não um meio de apoio à construção do significado.

Assim, acostumados a trocarem palavras X por palavras Y, os alunos, sem uma orientação adequada no tocante à apreensão do significado de novas palavras, tornam-se impossibilitados de fazer inferências lexicais e, assim, de compreender o texto como um todo coerente a partir das pistas deixadas pelo autor.

Essa concepção atomista de ensino de vocabulário no contexto escolar, segundo Kleiman (1996 :193)), "*conduz naturalmente o aluno a uma concepção atomista do texto que efetivamente barra as percepções da função discursiva das palavras.*" Quer dizer, a atomização do significado das palavras, de acordo com a autora, determina o uso excessivo de método direto de vocabulário através da definição direta de cada item discreto, ao invés de utilizar a informação do contexto lingüístico como apoio para a inferência lexical.

Ilari (1992), comentando acerca do ensino do vocabulário adverte que uma prática eficiente de ensino de léxico deve levar em conta o fato de que o encontro com unidades lexicais desconhecidas é algo corriqueiro na vida do falante que pode ocorrer, a qualquer momento, dentro ou fora do contexto escolar. Por esta razão, ele diz que é desejável, no tocante ao ensino do vocabulário que a escola se preocupe mais em formar atitudes e consolidar hábitos do que em atingir metas

Como podemos observar, todas as considerações feitas neste trabalho apontam para o fato de que a leitura e o léxico devem ser trabalhados de forma integrada, dentro de uma perspectiva interacionista de linguagem. E essas considerações ou reflexões que acabamos de expor servirão de base para a análise dos dados de nossa pesquisa.

2 .JUSTIFICATIVA

Partindo do pressuposto básico de que a leitura é um poderoso instrumento para a ampliação do léxico do aluno e de que um vocabulário diversificado tem uma relevância particular no processo de compreensão textual e, conseqüentemente, para o domínio da língua portuguesa, torna-se evidente a necessidade de saber como os professores de língua portuguesa trabalham essas atividades em sala de aula e quais são seus objetivos e expectativas em relação a elas. Até que ponto as estratégias utilizadas pelos professores para trabalharem a leitura e o léxico, nas escolas de 1º. e 2º. graus, transformam os alunos em verdadeiros leitores e ampliam o seu universo vocabular ? Será que a leitura continua sendo entendida como um mero processo de decodificação e/ou instrumento de avaliação e os exercícios de vocabulário como “meros enfeites” para o ensino de sinônimos e antônimos?

Foi pensando em questões dessa natureza e nas conseqüências que elas poderão trazer para a aprendizagem dos alunos e ainda considerando resultados de pesquisas recentes Kleiman (1996), Ilari (1992), Coracini (1995), Laface (1993), entre outros, que tivemos a iniciativa de realizar esse estudo com o propósito, não apenas de discutir e criticar as práticas de ensino de leitura e vocabulário no contexto escolar já tão debatidas em congressos e seminários, mas também de apresentar alternativas de trabalho que possam contribuir para que os professores reflitam e assim

possam, de certa forma, melhorar as suas práticas pedagógicas no tocante à orientação da leitura e à transmissão do saber lexical em sala de aula.

No nosso entender, são imprescindíveis estudos sistemáticos que visem identificar os porquês da crise do ensino do léxico/ vocabulário e a apresentação de alternativas didático-pedagógicas capazes de favorecer a ampliação do potencial lingüístico do aluno.

3. METODOLOGIA

Nosso estudo terá por base empírica essencialmente um *corpus* organizado a partir de dados coletados em aulas de leitura realizadas em turmas de 6ª. séries de duas escolas da cidade de João Pessoa/PB: o Centro Estadual Experimental de Ensino - Aprendizagem Sesquicentenário, que pertence ao quadro das escolas da rede pública estadual de ensino e a Escola Catavento, pertencente ao quadro de escolas particulares desta cidade.

A opção por tais escolas deve-se ao fato de pressupormos que elas apresentam uma proposta alternativa de ensino de leitura em língua portuguesa dando prioridade à ação conjunta das atividades básicas da língua: leitura, aquisição do vocabulário e produção de textos.

Quanto ao critério de escolha do primeiro grau maior e especificamente de turmas de 6ª. série, este se deu pelas seguintes razões: 1) pelo fato de já ter tido experiência docente no primeiro grau maior; 2) por ter interesse específico em trabalhar a questão do vocabulário com alunos de 6ª. séries, que estão na primeira fase da adolescência; 3) por uma sugestão da diretora da Escola Sesquicentenário que nos aconselhou a observarmos as aulas nas turmas supramencionadas porque a professora desta série apresentava uma maior preocupação em relação às estratégias de ensino de leitura.

Após a escolha das turmas, passaremos a observação das aulas que serão gravadas em áudio, transcritas e analisadas posteriormente. Também objetivando verificar de fato qual é a postura dos professores em relação à atividade de leitura e ensino do léxico, aplicaremos aos professores um questionário que abrangerá, entre outros pontos, questões relativas: à metodologia utilizada para trabalhar as atividades acima mencionadas; à postura que assumem em relação ao trabalho com o

livro didático; e aos mecanismos utilizados no sentido de orientar os alunos a descobrirem o significado de novas palavras.

Terminada a etapa de observação e a análise dos dados coletados em sala de aula e com base no referencial teórico escolhido apresentaremos uma proposta de ensino de léxico, tendo como eixo principal a leitura, que poderá auxiliar o professor a trabalhar o léxico de forma mais eficaz, trazendo assim resultados mais sólidos para a ampliação do universo vocabular do aluno.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, M. A **Da construção e transmissão do saber lexical: um modelo lingüístico-pedagógico.** Revista brasileira de lingüística. São Paulo: vol.7, 1994.
- CALÇADA, G.F. **A sistematização do enriquecimento vocabular: sinônimos e parassinônimos** In: Anais do 5º. Encontro Nacional da ANPOLL, 1991.
- CORACINI, M.J.R. F. **Leitura: decodificação, processo discursivo?** In O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira. Campinas, SP: 1995.
- ILARI, R. **A Lingüística e o ensino da Língua Portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAFACE, A. **Paráfrases lexicais: fonte produtora para definições e designações.** Revista ALFA, 1993.
- KLEIMAM, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** Campinas - SP: Pontes, 1992.
- _____ **Oficina de leitura: teoria e prática.** Pontes, 1995.
- _____ **Leitura, Ensino e Pesquisa.** Campinas - SP : Pontes,1996.
- LAJOLO, M. **O texto não é pretexto.** In: Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- TERSI,S.B. **A construção da leitura.** Campinas - SP: Pontes, 1995.
- _____ **O aluno com a palavra: ensino de vocabulário no livro didático.** Campinas: UNICAMP, inédito.
- TURAZZA, J. S. **Estratégias para o ensino do léxico.** Anais do 7º Encontro Nacional da ANPOLL. Porto Alegre: 1992.
- ZILBERMAN,R. **A leitura na escola.** In: Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto,1993.